

REBES REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

ISSN - 2358-2391



GVA - GRUPO VERDE DE AGROECOLOGIA E ABELHAS - POMBAL - PB
Artigo de Revisão

A importância da literatura infantil na formação do leitor

Ilus Khanney Gomes de Medeiros Nóbrega

Bacharela em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo e especialista em Assessoria de Comunicação, ministrado pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP)

Email: yluska.gmn@gmail.com

José Rivamar de Andrade

Professor, graduado em Letras e especialista em Língua, Linguística e Literatura pelas Faculdades Integradas de Patos, aluno do curso de Mestrado Internacional em Educação, pela Florida Christian University (USA)

E-mail: rivamar_andrade@hotmail.com

Resumo: O desenvolvimento de estratégias é fundamental no processo de aquisição da leitura, que também pode ser facilitado com a utilização da literatura infantil. Para promover a leitura em sala de aula, deve-se fazer uma seleção dos textos a serem trabalhados, para que se tornem se atrativos. Uma seleção variada favorece ao aluno o direito de escolher o que lhe propicia atratividade, pois uma leitura pode ser bem interpretada quando se tem o direito da livre escolha, pois motiva o leitor ao despertar a curiosidade. Há vários recursos para despertar o interesse das crianças e, sem dúvida, o mais cativante entre todos é o modo de brincar com as palavras, usando toda ludicidade verbal, sonora e musical, atraindo a criança para um divertido momento entre o ato de ler, o que se sente ao ler e o conhecimento que a leitura produz ou oferece. No que tange à linguagem, os autores voltados para o público infantil utilizam as rimas de maneira simples e com palavras que sejam utilizadas no cotidiano das crianças, bem como a repetição, que ajuda na fixação das idéias e uma compreensão muito melhor. O bom educador deverá estimular a leitura de muitos e variados livros de alta qualidade literária; deixar o educando livre para escolher o seu tipo de leitura e não se preocupar com atividades sistemáticas de avaliação cognitiva. O melhor meio é pela biblioteca de classe e atividades nela desenvolvidas: folhear, imaginar o texto, ler, contar, recriar, expressar por códigos diversificados, apreciar as ilustrações. A motivação à leitura deve estar presente não só na vida do professor, mas em seus alunos. Se o educador não a tem jamais conseguirá que o discente possa ter. Na escola, o hábito de ler deve ser cultivado desde cedo. O professor deve estar sempre direcionando a leitura e, principalmente, não dando respostas, mas fazendo o aluno questionar, refletir e interpretar.

Palavras-chave: Desenvolvimento da leitura. Literatura Infantil. Utilização.

The importance of children's literature in the reader's training

Abstract: Developing strategies is fundamental in the process of learning to read, which can also be facilitated with the use of children's literature. To promote reading in the classroom, you must make a selection of texts to be worked, to become themselves attractive. A varied selection favors the student the right to choose which provides you attractive, because a reading can be well interpreted when you have the right of free choice, because motivates the player to arouse curiosity. There are several resources to awaken the interest of children and undoubtedly the most captivating of all is the way to play with words, using all verbal, sound and musical playfulness, attracting the child for a fun time between the act of reading, what it feels like to read and the knowledge that reading produces or offers. Regarding the language, the authors aimed to children using the rhymes simply and with words that are used in everyday life of children and repetition, which helps in setting ideas and a much better understanding. The good educator should stimulate reading many and varied high quality literary books; let the free student to choose your type of reading and not worry about systematic activities of cognitive assessment. The best way is the class library and activities developed in it: browse, imagine the text, read, count, recreate, by expressing diversified keys, enjoy the illustrations. The motivation for reading must be present not only in the teacher's life, but in their students. If the teacher does not have it will never get the student may have. At school, the habit of reading must be cultivated from an early age. The teacher must always be directing the reading and especially not giving answers, but making the student to question, reflect and interpret.

Keywords: Reading Development. Children's Literature. Use.

1 Introdução

Para a criança, aprender a ler é começar a penetrar no novo mundo. Se na escola, o domínio da leitura se institui pelo livro, na vida cotidiana a leitura se faz apreender por uma inumerável quantidade de situações. Os escritos que circulam no meio social, no espaço urbano e no âmbito mais fechado das próprias casas, são variados e de múltiplas naturezas.

Mesmo antes de ler, a criança percebe que os adultos são profundamente ligados à leitura. Em casa, e ao ingressar na escola, já traz a vivência de leitura. Vivendo em meios letrados ou não, ela chega a escola familiarizada com os escritos que circulam em sua vida, por diferentes meios: seja pelas atividades da família, seja pela vinculação de mensagens que ocorre em toda a mídia.

Afirma Cunha (1996, p. 42) que “é habituar as crianças a utilizar as indicações fornecidas pelos estornos, preparando-as para ler, como faz todo bom leitor”.

Tais escritos circulam em diversos espaços e sob diferentes formatos: nomes de rios, placas indicativas, horário, anúncios, faixas em edifícios e nas fachadas de lojas. Desse modo, a criança constrói para si uma representação daquilo que está escrito a partir de índices que ela privilegia na leitura. Isso pressupõe que os elementos selecionados fazem eco ao que é conhecido pela criança. As tentativas de assimilação dos dados da leitura e a construção de conceitos relatam o nível de desenvolvimento cognitivo atingido.

Quando dados novos não se enquadram nesses quadros interpretativos, produz-se um conflito cognitivo: a resolução e superação desse conflito, causam uma acomodação ao objeto cujas propriedades resistem à apropriação e, em conseqüência, uma reorganização dos esquemas cognitivos assimilados. A palavra mantém uma relação privilegiada com a coisa, está intrinsecamente ligada a ela.

O primordial é exprimir bem, para que a linguagem seja eficaz, eficiente para transmitir uma determinada idéia. Assim, numa primeira aproximação da leitura, é freqüente que a criança atribua à palavra o mesmo valor do objeto que ela representa.

2 Revisão de literatura

2.1 Modalidades de textos infantis

A literatura infantil não pode ser utilizada como um pretexto para o ensino da leitura e para o incentivo à formação do hábito de ler. Para que a obra literária seja utilizada como um objeto mediador de conhecimento, ela necessita estabelecer relações entre teoria e prática (CUNHA, 1996).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a leitura oferece vários aspectos referentes a mundos diversos. O conhecimento é ampliado à medida que se tem uma leitura de qualidade, com isso o leitor pode perceber e assimilar desde as mais simples informações até os mais complexos pensamentos. Pode-se ler, também, para se entender o universo da ficção e da realidade, e para despertar o próprio prazer resultante de uma atividade

coordenada de caráter intelectual, necessária ao desenvolvimento do indivíduo.

Textos literários refinados acabam convivendo com escritos voltados ao puro entretenimento. Versões simplificadas de obras clássicas dividem o mesmo espaço com os originais que lhe deram vida. Além de revistas, quadrinhos e jornais, os textos que aparecem na mídia eletrônica estreitam mais e mais seus laços com produtos tradicionais. “Diante de tal visão caleidoscópica, é preciso administrar diferenças e proceder a escolhas cuidadosas para orientar as múltiplas leituras possíveis” (LAJOLO, 1994, p. 6).

Deve-se fazer uma seleção dos textos a serem trabalhados, para que se tornem se atrativos. Uma seleção variada favorece ao aluno o direito de escolher o que lhe propicia atratividade, pois uma leitura pode ser bem interpretada quando se tem o direito da livre escolha, pois motiva o leitor ao despertar a curiosidade.

2.1.1 Fábulas

Uma fábula deve ser apresentada pelo professor, falando qual sua importância em épocas remotas da história, isso pode tomar a atenção da criança de forma a motivá-la a uma aprendizagem significativa e interpretativa.

O educador deve chegar na sala de aula e contar a história da criação da fábula, dizer a intenção do autor e confrontar as idéias com o mundo contemporâneo (CALIGARI, 1997).

Nesse aspecto, sabe-se que o professor, dentro da sala de aula, é o intermediário entre conhecimento e aluno, assim ele deve ter o máximo de atenção na escolha de uma fábula para aplicar aos seus alunos, tornando o texto literário nítido durante a sua apresentação.

Pode-se pegar como exemplo a fábula “O lobo e o cordeiro” de La Fontaine. Nela, o lobo apresenta diversos argumentos para tentar devorar o cordeiro.

A razão do mais forte é a que vence no final
(nem sempre o Bem derrota o Mal).

Um cordeiro a sede matava
nas águas limpas de um regato.

Eis que se avista um lobo que por lá passava
em forçado jejum, aventureiro inato,

e lhe diz irritado: - "Que ousadia
a tua, de turvar, em pleno dia,

a água que bebo! Hei de castigar-te!"

- "Majestade, permiti-me um aparte" -

diz o cordeiro. - "Vede

que estou matando a sede

água a jusante,

bem uns vinte passos adiante

de onde vos encontrais. Assim, por conseguinte,

para mim seria impossível

cometer tão grosseiro acinte."

- "Mas turvas, e ainda mais horrível

foi que falaste mal de mim no ano passado.

- "Mas como poderia" - pergunta assustado

o cordeiro -, "se eu não era nascido?"

- "Ah, não? Então deve ter sido

teu irmão." - "Peço-vos perdão

mais uma vez, mas deve ser engano,
pois eu não tenho mano."
- "Então, algum parente: teus tios, teus pais. . .
Cordeiros, cães, pastores, vós não me poupais;
por isso, hei de vingar-me" - e o leva até o recesso
da mata, onde o esquarteja e come sem processo
(LA FONTAINE, 2006).

Trazendo para a realidade, o professor deve especificar o papel que cada personagem representa. Um exemplo seria analisar o lobo como mundo lá fora, a classe dominante que para alcançar seus objetivos, passa por cima, não tem escrúpulos. O cordeiro como o dominado, aquele que não tem vez e nem voz. Dessa forma, uma fábula nunca envelhece, sempre está esclarecendo dúvidas, trazendo um conhecimento prévio ou teórico da realidade do mundo.

Após uma leitura crítica como esta, o educador deve fazer um levantamento de dados da sociedade contemporânea e o meio onde os discentes vivem, confrontando as mensagens fabulares com a realidade deles. Para cada aula ou fábula há um contexto que deve ser direcionado pelo educador levando à reflexão. Agindo desta forma, o professor está dando enfoque direcionado à retenção de informações, ou seja, a tudo aquilo que o aluno absorveu (MENEGASSI, 1995).

A motivação à leitura deve estar presente não só na vida do professor, mas em seus alunos. Se o educador não a tem jamais conseguirá que o discente possa ter. Na escola, o hábito de ler deve ser cultivado desde cedo. O professor deve estar sempre direcionando a leitura e, principalmente, não dando respostas, mas fazendo o aluno questionar, refletir e interpretar.

A interpretação é algo que está cada vez menos presente, principalmente entre os alunos, que dedicam a maior parte de seu tempo ao computador, ou a televisão. É preciso criar pensadores, e não entregar tudo pronto e pensado. O ato interpretativo é algo inovador que, muitas vezes, gera polêmica na sala de aula, e isto é excelente para a geração de leitores críticos.

2.1.2 Contos de fadas

A formação da personalidade de um indivíduo necessita de influências externas que assegurem reflexos que valorizem o fortalecimento e amadurecimento dos seus sentimentos, ou seja, que acabem se refletindo internamente. Isso pode acontecer durante todo o processo de desenvolvimento infantil, através da boa assimilação dos conteúdos apresentados em histórias, que, por sua vez, pode levar a criança a vencer seus maiores obstáculos.

Como pode bem afirmar Bettelheim (1980, p. 22):

Conflitos internos importantes, inerentes ao ser humano, como a inevitabilidade da morte, o envelhecimento, a luta entre o bem e o mal, a inveja, etc. são tratados nos contos de fadas de modo a oferecer desfechos otimistas. Desta forma, oferece à criança uma referência para elaborar os terríveis elementos que habitam seu imaginário, como seus medos, desejos, amores e ódios, etc., que na sua imatura e concreta perspectiva

apresentam-se amedrontadores e insolúveis. Esse aprendizado é captado pela criança de uma forma intuitiva (por estarem os elementos sempre carregados de simbolismo) tornando-se muito mais abrangente do que seria possível se fosse feito pela compreensão meramente intelectual.

Acredita-se que o efeito integrador dos contos de fadas tem sobre a personalidade seja o fator responsável pelo fato de terem resistido à passagem do tempo e terem se universalizado (BETTELHEIM, 1980).

Outra função importante dos contos de fadas é a de resgatar o "tempo da alma", como diz Von Franz (1982, p. 13):

A vida infantil precisa cumprir cada etapa do seu desenvolvimento para que uma estrutura psíquica equilibrada possa ser elaborada. A alma tem um tempo próprio, característico, ainda ditado pelos ritmos da natureza, que não costuma ter pressa. O "tempo da alma" é que regula o passo das fases do amadurecimento humano, em oposição à ansiedade e acúmulo de demandas, cobranças e pressões de toda sorte que a sociedade moderna exerce sobre os indivíduos, mesmo sobre as crianças.

Nesse sentido, os contos de fadas, quando compartilhados entre pais e filhos, professores e alunos, contribuem no sentido de dar suporte às crianças para exteriorizarem seus sentimentos, suas dúvidas, ansiedades, através dos próprios personagens, ou seja, por meio de assimilação e identificação com os personagens a criança pode comentar determinada situação falando dos seus próprios sentimentos.

Como exemplo de conto de fadas têm-se "Dama do Lago":

Dama do lago (ou Fada Viviane como é mais conhecida) é, de acordo com a lenda, uma das sacerdotisas de Avalon ou até a mais importante delas. Filha de Diana, a deusa dos bosques e irmã mais velha de Igraine, a fada tinha a missão de proteger e entregar a espada mágica do Rei Arthur, a sagrada Excalibur. Ela foi morta por seu meio irmão enquanto estava na comemoração de Pentecostes para pedir ao rei mais uma vez que ele tivesse fiel às suas promessas sobre os antigos povos. Lancelot matou Balim (meio irmão da Senhora do Lago) em vingança da morte da mãe. O corpo da Dama do Lago foi levado até Avalon para a despedida das outras sacerdotisas (CAMPOS, 2003, p. 25).

Deve-se, preferentemente, escolher histórias que apresentem um final feliz, mesmo que nem sempre isso aconteça. Vale lembrar que, em meio a esse tipo de atividade, não cabe qualquer espécie de julgamento moral ou censura. O que importa aqui não é ensinar às crianças como se comportar (o que, por sinal, a própria história já faz, de uma maneira muito mais rica e ilustrativa, ao mostrar as conseqüências dos atos de cada um), mas oferecer às crianças a oportunidade de expressarem suas

dificuldades emocionais de uma maneira protegida. Portanto, os contos de fadas passam às crianças a mensagem de que na vida é inevitável ter que se deparar com dificuldades, mas que se lutarem com firmeza será possível vencer os obstáculos e alcançar a vitória.

2.1.3 Estórias de Aventuras

A base das estórias de aventuras é basicamente a fantasia. Como em qualquer outro aspecto referente à literatura infantil, proporciona mudanças de sentimentos, uma viagem ao imaginário, a construção de imagens na mente de forma quase que real, levando-o à participação ativa dentro daquilo que está lendo.

Como diz Wornicov et al. (1986, p. 15):

A narrativa de aventura fundamenta-se na fantasia. Esta, ao contrário do que ocorre no conto de fadas, aproxima-se da realidade imediata. É o mundo material ou um cosmo imaginário possível de concretização, o ponto de partida dos relatos em sua busca do aventureiro, do exótico e do inusitado.

O papel principal concentra-se no herói, o qual se torna exemplo de como se deve agir, pensar ou sentir. A criança passa a existir em função do seu herói, desejando vestir-se igual, os pais incentivam com brinquedos que se relacionam ao personagem, enfim, há uma construção de identidade fundamentada no imaginário para acontecer no real. É muito frequente que uma estória tenha vários episódios, ou seja, a estória nunca acaba. É isso que causa expectativas no indivíduo, como também ansiedade, além de fazer com que a criança desenvolva sua criatividade.

Segundo Wornicov et al (1986, p. 16):

Caracterizando-se a narrativa de aventura por uma ação em andamento, o tempo é cronológico, dando continuidade e sequência ao desenrolar dos episódios. O espaço, real ou imaginário, é delimitado e preciso, selvas, desertos, profundezas do mar ou amplidão do infinito são os cenários onde geralmente se passa a ação.

As aventuras se passam em lugares das mais variadas formas e podem compreender os relatos de viagens, novelas históricas, as aventuras que ocorrem nas selvas, nos mares, nos desertos, nos ares e até no espaço. Pode-se citar, como exemplo: *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, *As aventuras de Gulliver*, de Jonathan Swift, *A ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson, *Moby Dick*, de Herman Melville, *Ivanhoé*, de Walter Scott, *Tarzan*, de Edgar Burroughs, *Peter Pan*, de James Barrie, *Pinóquio*, de Colodi, dentre outros.

2.1.4 Lendas

A lenda é uma narrativa baseada na tradição oral e de caráter maravilhoso, cujo argumento é tirado da tradição de um dado lugar. Sendo assim, relata os acontecimentos numa mistura entre referenciais históricos e imaginários. Um sistema de lendas que tratam de um

mesmo tema central constituem um mito.

A respeito das lendas, Cascudo (1978, p. 51) registra que:

Iguais em várias partes do mundo, semelhantes há dezenas de séculos, diferem em pormenores, e essa diferenciação caracteriza, sinalando o típico, imobilizando-a num ponto certo da terra. Sem que o documento histórico garanta veracidade, o povo ressuscita o passado, indicando as passagens, mostrando, com referências indiscutíveis para a verificação racionalista, os lugares onde o fato ocorreu.

A lenda tem cunho anônimo e, geralmente, é marcada por um sentimento de profunda fatalidade. É muito fácil encontrar no Brasil, dentro do folclore, as lendas regionais, que são estórias criadas através do imaginário de indivíduos que, na maioria das vezes, gostariam de viver aquelas experiências no mundo real. Dentre as diversas lendas, pode-se citar: Lobisomem, Mula-sem-cabeça, Boto cor-de-rosa, Curupira (conhecido também por Caipora), Saci Pererê, dentre outras.

Nas primeiras idades do mundo, os homens não escreviam. Conservavam suas lembranças na tradição oral. Onde a memória falhava, entrava a imaginação para supri-la e a imaginação era o que povoava de seres o seu mundo. Assim, é certo que a lenda é uma forma de narrativa antiquíssima, cujo argumento é tirado da tradição. Relato de acontecimentos onde o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro (CASCUDO, 1978).

Pode-se dizer que esta modalidade de texto é, resumidamente, resultante do temor que o homem apresenta diante do mundo, e da necessidade que ele tem de entender as coisas que se passam ao seu redor, de forma a ultrapassar as fronteiras do infantil, dando plena visibilidade do drama que se vivencia entre os indivíduos que participam da humanidade.

2.1.5 Poesia

Dentre os gêneros, a poesia destaca-se por possuir uma forma leal aos sentimentos, apresentando sempre brevidade e potencial simbólico, preocupando-se em manifestar idéias e palavras de maneira lúdica no que se refere ao contato entre a criança e o texto literário.

Há vários recursos para despertar o interesse das crianças e, sem dúvida, o mais cativante entre todos é o modo de brincar com as palavras, usando toda ludicidade verbal, sonora e musical, atraindo a criança para um divertido momento entre o ato de ler, o que se sente ao ler e o conhecimento que a leitura produz ou oferece. No que tange à linguagem, os autores voltados para o público infantil utilizam as rimas de maneira simples e com palavras que sejam utilizadas no cotidiano das crianças, bem como a repetição, que ajuda na fixação das idéias e uma compreensão muito melhor.

Pode-se refletir, acerca da receptividade das crianças à poesia, lendo as considerações de Cascudo (1978, p. 76):

[...] a criança tem uma alma poética. E é essencialmente criadora. Assim, as palavras do poeta, as que procuraram chegar até ela pelos caminhos mais naturais, mesmo sendo os mais profundos em sua síntese, não importa, nunca serão melhor recebidas em lugar algum do que em sua alma, por ser mais nova, mais virgem.

Assim, pode-se afirmar que não existe uma poesia exclusiva para crianças, mas sim leituras que possam corresponder às necessidades e expectativas do público infantil. Estas leituras é que irão nortear o campo dos sentimentos do indivíduo, conservando sua capacidade de assombrar-se, de perceber o sentido real da vida, enfim, faz com que a criança sinta todas as emoções possíveis dentro do estado de desenvolvimento.

2.2 Como trabalhar a leitura em sala de aula

O primeiro passo que todo professor deve dar é lê bastante. Em sala de aula o professor deve sempre buscar as oportunidades para a prática da leitura, demonstrando satisfação. É importante colocar algumas dicas para despertar o interesse dos alunos pela leitura. Em primeiro lugar, deve-se motivar os alunos para a leitura, permitindo momentos em que eles próprios escolham o que desejarem ler; outra alternativa, também interessante, é criar em sala, um espaço que tenha diversos tipos de textos: publicitário (jornais, revistas), literários (livros de literatura histórica), humorísticos (gibis) e outros.

Ao direcionar a leitura, é indispensável falar sobre o texto pretendido, explicando o assunto, apresentando o título, a ilustração e os nomes do autor e do ilustrador. Perguntar o que as crianças acham que vai acontecer naquela história é uma forma de motivar o pensamento e a criatividade das crianças, para isso também é importante aprender a contar uma boa história, o que pode desenvolver, no íntimo de seus alunos, o desejo de conhecer mais; fazer perguntas sobre o enredo e os personagens, assim, pode haver um estímulo maior à curiosidade e a compreensão das idéias lidas; mostrar-se sempre disponível para a leitura e tentar esclarecer as dúvidas que os alunos apresentem.

Não se deve tratar a leitura apenas como obrigação escolar, é tarefa de todo professor formar leitores autônomos, críticos, reflexivos, e, acima de tudo, felizes, por isso deve partir do professor a consciência da contribuição da leitura para a formação do leitor. Ao ler, o professor deve dar voz e entonações diferentes. Esse recurso vai deixar a história mais atraente (CONSULTORIA PEDAGÓGICA AVANÇADA, 2006).

Assim, deve-se lidar com os aspectos cognitivos da leitura, isto é, aspectos ligados à relação entre o sujeito e o texto enquanto objeto, entre linguagem escrita e compreensão, memória, inferência e pensamento. Eles tentam incorporar aspectos socioculturais da leitura, uma vez que vão desde a percepção das letras até o uso do conhecimento armazenado na memória. Entretanto, esses modelos se voltam para complexos aspectos psicológicos da atividade, apontando para as regularidades do ato de ler, para a atividade intelectual em que o leitor ideal se engajaria. Essa atividade intelectual começa pela

apreensão do objeto através dos olhos com o objeto de interpretá-lo.

O bom educador deverá estimular a leitura de muitos e variados livros de alta qualidade literária; deixar o educando livre para escolher o seu tipo de leitura e não se preocupar com atividades sistemáticas de avaliação cognitiva. O melhor meio é pela biblioteca de classe e atividades nela desenvolvidas: folhear, imaginar o texto, ler, contar, recriar, expressar por códigos diversificados, apreciar as ilustrações.

No momento da leitura, criar um ambiente de relaxamento e descontração, com as crianças se acomodando em círculo ou sentadas no chão. Caso a escola possua um jardim ou área de lazer, levar as crianças para lê a fim de fluir as histórias lidas; Apresentar aos jovens uma variedade de histórias e gêneros literários, percorrendo sempre sobre os autores, a gênese do assunto e estimulando comentários e discussões depois das sessões de leitura; Ler contos de fadas que apresentem diferentes versões. Personagens diferentes ou finais diferentes podem estimular comparações por parte das crianças, facilitando o pensamento intuitivo e imaginativo; Depois de várias sessões de leitura em voz alta, o professor pode solicitar que os jovens dramatizem histórias que eles mesmos selecionaram ou escreveram (CONSULTORIA PEDAGÓGICA AVANÇADA, 2006, p. 40).

Eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua. São essas situações de aprendizagem sobre os usos e as formas da língua oral: atividades de produtos e interpretação de uma ampla variedade de textos orais, de observação de diferentes usos, de reflexão sobre os recursos que a língua oferece para alcançar diferentes finalidades comunicativas (LAJOLO, 1994).

Para isso, é necessário diversificar as situações propostas tanto em relação ao tipo de assunto como em relação aos aspectos e ao tipo de atividade que demandam, fala, escuta ou reflexão sobre a língua. Não basta deixar que as crianças falem; apenas o falar cotidiano e a exposição ao falar alheio não garantem a aprendizagem necessária. É preciso que as atividades de uso e as de reflexão sobre a língua oral estejam contextualizadas em projetos de estudo, quer sejam da área de língua Portuguesa, quer sejam das demais áreas do conhecimento. A linguagem tem um importante papel no processo de ensino, pois atravessa todas as áreas do conhecimento, mas o contrário também vale: as atividades fundamentadas às diferentes áreas são: por sua vez, fundamental para a realização de aprendizagens de natureza lingüística.

A produção oral pode acontecer nas mais diferentes circunstâncias, dentro dos mais diversos projetos; como afirmam os PCN:

Atividades em grupo que envolvam o planejamento e realização de pesquisas e requeiram a definição de temas, a tomada de decisões sobre encaminhamentos, a divisão de tarefas, a apresentação de resultados;

Atividades de resolução de problemas que exijam estimativa de resultados possíveis, verbalização, comparação e confronto de procedimentos empregados;

Atividades de produção oral de planejamento de um texto de elaboração propriamente e de análise de sua qualidade;

Atividade dos mais variados tipos, mas que tenham sempre sentido de comunicação de fato exposição oral, sobre temas estudados apenas por quem expõe; descrição do funcionamento de aparelhos e equipamentos em situações onde isso se faça necessário; narração de acontecimentos e fatos conhecidos apenas por quem narra, etc. Esse tipo de tarefa requer preparação prévia, considerando o nível de conhecimento do interlocutor e, se feita em grupo, a coordenação da fala própria com a dos colegas, dois procedimentos complexos que raramente se aprendem sem ajuda (BRASIL, 2001, p. 50-51)

Assim, além das atividades de produção é preciso organizar situações contextualizadas de escuta, que, em conjunto com as demais regras do intercâmbio comunicativo, devem ser apresentadas em contextos significativos, nos quais ficam quietos, esperar a vez de falar do outro, função e sentido, e não sejam apenas solicitações ou exigências do professor. É importante que se trabalhe com a leitura diariamente, seja de forma silenciosa, individual ou até mesmo em voz alta. Isso ajuda na prática da assimilação das idéias e da melhor compreensão de frases e palavras.

Segundo Martins (1994, p. 29):

Mais um motivo para ampliar a noção de leitura. Visto um sentido amplo, independente do contexto escolar, e para além do texto escrito, permite compreender e valorizar melhor cada passo do aprendizado das coisas, cada experiência. Incorporar-se, assim, ao cotidiano de muitas o que geralmente fica limitado a uma parcela mínima da sociedade: ao âmbito dos gabinetes ou salas de aula e biblioteca ou de busca de informações especializadas. Enfim, essas perspectivas para o ato de ler permite a descoberta de características e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais, as várias culturas; incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva proporcionando elementos para uma postura crítica, apontando alternativas.

Atualmente se admite que a leitura é um processo de interação entre o texto e o leitor, é um processamento ativo que não se esgota meramente no sentido literal. Nesse aspecto, a leitura passa a ser entendida como um ato social entre leitor e autor que participam de forma interativa.

Conseqüentemente, cada situação de leitura respondera a um duplo propósito: por um lado, ensinar e aprender algo sobre a prática social (propósito cuja utilidade, ou ponto de vista do aluno, é mediada); por outro lado, cumprir um objetivo que tenha sentido na perspectiva imediata do aluno.

Para que se constitua também um objetivo de aprendizagem é necessário que tenha sentido do ponto de vista do aluno, o que significa entre outras coisas, que deve cumprir uma função para a realização do propósito que ele conhece e valoriza. Para que a leitura, como objeto de ensino, não se separe demais da prática social que se quer comunicar, é imprescindível representar ou re-apresentar, na escola os seus diversos usos.

Diferentes modalidades de leitura podem ser utilizadas, em diferentes situações, diante de um mesmo tipo de texto: um mesmo material informativo-científico pode ser lido para obter uma informação global, para buscar um dado específico ou para aprofundar um aspecto determinado do tema sobre o qual se está escrevendo; um artigo de jornal pode ser lido em um momento simplesmente por prazer e, em outro, ser utilizado como objetivo de reflexão (SOLE, 1998).

Existem várias sugestões viáveis para criar um espaço de leitura dinâmico, como colocar os portadores de textos (livros, revistas, jornais e etc) ao alcance das mãos e da visão, ter um acervo atualizado, deixar que os alunos também leiam em casa, incentivar os alunos a serem contadores de histórias, ter um ambiente agradável com boa iluminação e com acentos ou almofadas agradáveis.

No entanto, alguns cuidados são necessários em relação a leitura. Os PCN (BRASIL, 2001, p. 60) esclarecem que:

Toda proposta de leitura em voz alta precisa fazer sentido da atividade na qual se insere e o aluno deve sempre poder ler o texto silenciosamente, com antecedência, uma ou várias vezes;

Nos casos em que há diferentes interpretações para um mesmo texto e faz-se necessário negociar o significado (avaliar interpretações) essa negociação precisa ser fruto da compreensão do grupo e produzir se pela argumentação dos alunos. Ao professor cabe orientar a discussão posicionando-se apenas quando necessário;

Ao propor atividades de leitura convém sempre explicitar os objetivos e preparar os alunos. É interessante, por exemplo, dar conhecimento do assunto previamente, fazer com os alunos levantem hipóteses sobre tema a partir do título, oferecer informações que situem a leitura, criar um certo suspense quando for o caso;

É necessário refletir com os alunos sobre as diferentes modalidades de leitura e os procedimentos que elas requerem do leitor. São coisas muito diferentes ler para se divertir ler para escrever, ler para estudar, ler para descobrir o que deve ser feito, ler buscando identificar a intenção do escritor, ler para revisar. É completamente diferentes ler em busca de significado a leitura, de um modo geral e ler em busca de inadequação e

erros a leitura para revisar. Esse é um procedimento especializado que precisa ser ensinado em todas as séries, variando apenas o grau de aprofundamento em função da capacidade dos alunos. (BRASIL, 2001, p. 60)

Uma prática intensa de leitura na escola é sobretudo, necessária, porque ler, ensina a ler e a escrever. É fundamental que essas sugestões para o trabalho com a leitura na escola, sejam utilizadas de maneira articulada, de tal forma que, em cada escola, se possa organizar uma seqüência de conteúdos que favoreça a aprendizagem da melhor maneira possível, para os educandos, tornando-os seres ativos e atuantes.

2.3 O ensino da leitura para a formação do leitor cidadão

A leitura é um dos grandes, senão o maior, elemento da civilização. De acordo com Bakhtin, o ato de ler é um processo abrangente e complexo de compreensão e inteligência do mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica de interagir com o outro pela manifestação da palavra (BRANDÃO; MICHELETTI, 1999).

Com base na declaração de Baktin, pode-se afirmar que ler não é unicamente decodificar os símbolos gráficos, é também interpretar o mundo em que vivemos. É, ao mesmo tempo, uma atividade ampla e livre, embora não seja uma prática neutra, pois no contato de um leitor com um texto estão envolvidas questões culturais, políticas, históricas e sociais presentes nas várias formas de tradição. Deste modo, quando se lê, associam-se as informações lidas à grande bagagem de conhecimentos que se têm armazenada no cérebro e, naturalmente, aquilo que é capaz de interpretar, criar, imaginar e sonhar.

Segundo Lajolo e Zilberman (1996, p. 311) é a posse dos códigos de leitura que muda o status da criança e a integra num universo maior de signos, o que nem a simples audição, nem o deciframento das imagens visuais permitem. Afirmam ainda que “ao espessamento das práticas de leitura, ainda que intermitente e cheio de recuos, corresponde um amadurecimento do leitor que, na inevitável interação com os múltiplos elementos de práticas mais complexas de leitura, rompe restrições, libera-se da tutela, enfim, alcança a emancipação possível”.

A leitura é uma forma altamente ativa de lazer. Em vez de propiciar, sobretudo, repouso e alienação, como ocorre com formas passivas de lazer, a leitura exige não só um grau maior de consciência e atenção como também uma participação efetiva do receptor-leitor (CUNHA, 1996).

Na década de 1950, ao definir a criança como seu público-alvo, Monteiro Lobato já se antecipava ao que passou a ser a tônica internacional da promoção da leitura: a base sólida para um adulto leitor se constrói desde a infância, através do contato com as histórias contadas pelos adultos, do contato com os livros, sem moralismos, com variedade e qualidade de temas, expressando respeito à criança e à sua inteligência (BRANDÃO; MICHELETTI, 1999).

Apesar dos obstáculos em torno da importância da construção do leitor em potencial, tais como a falta de acesso a livros pelas camadas populares ou a presença constante da televisão em nossas vidas é indispensável sua existência e seu poder na construção da consciência crítica do indivíduo-leitor. Nessa perspectiva, verifica-se que os fatores sociais, políticos, econômicos e culturais promovem ou desfavorecem qualquer tipo de leitura.

3 Considerações Finais

Diante do exposto, percebe-se o quanto a educação pode ganhar com a vivência do lúdico no processo de aprendizagem, pois devem caminhar juntos, dentro de uma visão de mundo, onde o real é a verdadeira forma de educar. Educar deste modo é preparar para a vida e, não para o mero acúmulo de informações. Para um trabalho voltado à ludicidade no cotidiano escolar, todos são protagonistas. O professor não é o único responsável por aquilo que a criança aprende, mas sim todos os que a cercam (pais, colegas, escola como um todo), enfim, todos devem tomar consciência de que cada um tem um papel importante a desempenhar.

As brincadeiras, mesmo no sentido lúdico da palavra, devem conter sempre algo que ilustrem o real, ou seja, tragam aquilo que é de mais importante, demonstrando os valores sociais, culturais, políticos. É assim que se faz Educação. Através de uma integração do todo. Neste sentido o educador deve incluir na sua proposta pedagógica as condições para que as próprias crianças descubram novos horizontes através de jogos e brincadeiras, vivenciadas no cotidiano.

É imprescindível que todos estejam envolvidos neste processo, no qual se acredita firmemente que a parceria entre Família-Escola-Comunidade pode dar certo, pois somente os processos participativos produzem um significado concreto e duradouro no desenvolvimento social e individual do ser humano.

4 Referências

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRANDÃO, H.; MICHELETTI, G. Teoria e prática da leitura. In: CHIAPPINI, L. (coord.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 1999.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Língua Portuguesa. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- CALIGARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.
- CAMPOS, Luciana. **Aventuras da Távola Redonda**: estórias medievais do Rei Artur e seus cavaleiros. Organização e tradução de Antonio L. Furtado. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

- CASCUDO, L. da Camara. **Geografia dos mitos brasileiros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Olympio Editora/MEC, 1978.
- CONSULTORIA PEDAGÓGICA ACADÊMICA. **A importância da leitura (2006)**. Disponível em: <<http://www.migrandoaplicacoes.com.br>> Acesso em: 26 de maio de 2009.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1996.
- LA FONTAINE. **O lobo e o cordeiro** (2006). Disponível em: <<http://www.metaforas.com.br/infantis/oloboeocordeiro.htm>> Acesso 15 de março de 2012.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1994.
- LAOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- LÜCK, Heloísa. **Escola: Comunidade e família no Brasil**. Revista Gestão em Rede. Agosto de 2006.
- MARTINS, Maria Helena. **O que leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MENEGASSI, R. J. **Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor**. Maringá: Editora Unimar, 1995.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- VON FRANZ, Marie-Louise. **A Individuação nos Contos de Fadas**. São Paulo: Paulus, 1982.
- WORNICOV, Ruth; WAGNER, Elísia; RUSSOMANO, Moema; WEBER, Naiá C. B. **Criança - leitura - livro**. São Paulo: Nobel, 1986.